



O audiovisual educativo na França e no Brasil: uma análise comparada da programação da *La Cinqüième* e do Canal Futura (1994-2002)

WELLINGTON AMARANTE OLIVEIRA*

Introdução

Há tempos a televisão vem sendo utilizada como uma ferramenta educativa. Desde a década de 1950, diferentes projetos foram colocados em prática em todo o mundo. O sucesso ou fracasso dessas empreitadas possui relação direta com os modelos televisivos e com as imagens veiculadas na telinha. A televisão nos EUA e em grande parte da América Latina, incluindo o Brasil, estruturou-se dentro de um modelo comercial de exploração, com destaque para o financiamento via publicidade e uma programação com amplo espaço para o entretenimento e a informação. Na Europa, o modelo público reinou durante as primeiras décadas, com destaque para a BBC britânica, com uma programação que articulou de forma equilibrada entretenimento, informação e educação. A última década do século XX foi um período de transformações sociais e tecnológicas que influenciaram os modelos televisivos e os novos projetos em televisão educativa. Na França, após a quebra do monopólio público da radiodifusão nos anos 1980, houve uma tentativa de reequilíbrio entre agentes públicos e privados. Foi a partir desse movimento que surgiu em dezembro de 1994, a *La Cinqüième*. Emissora educativa pública criada com o objetivo de colaborar para a resolução dos problemas sociais causados pela recente crise econômica. Enquanto a França apostava na retomada do setor público, no Brasil, agentes da iniciativa privada, capitaneados pela Fundação Roberto Marinho, buscaram aprofundar a sua atuação na área com a criação, em setembro de 1997, do Canal Futura. A nova emissora que tinha por objetivo constituir-se como o “canal do conhecimento”, em oposição às tradicionais emissoras educativas do país.

Concordamos com a afirmação de José Carlos Aronchi de Souza (2004:154): “um estudo específico do gênero educativo identificaria variações inspiradas nas categorias entretenimento e informação, que se utilizam das mesmas técnicas dessas categorias, porém com objetivos educativos”. Vale dizer que a programação de uma emissora ilustra sua filosofia em matéria editorial, ou seja, a “natureza dos conteúdos, as características dos

*Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista (Unesp) Faculdade de Ciências e Letras, Assis, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Processo FAPESP 2013/17906-2. E-mail: prof.amarante@gmail.com

programas veiculados dependem de uma lógica de programação claramente definida” (CHAMPION & DANARD, 2014:49).

Para a análise do audiovisual educativo francês e brasileiro consideramos as três principais categorias ligadas à produção televisiva: educação, informação e entretenimento e suas respectivas subdivisões em gêneros e formatos articuladas às noções de *texto*, *co-texto* e *contexto* do historiador francês Jérôme Bourdon.

No que concerne às especificidades de uma análise integrada da grade de programação televisiva, Jérôme Bourdon afirma que ela deve percorrer três níveis indissociáveis, denominados pelo autor como: texto, co-texto e contexto. O texto indicaria as características internas do produto, tais como montagem, a forma, o cenário. O co-texto, a relação de determinado programa com o restante da grade da emissora, o caráter repetitivo e intercambiável de grande parte dos programas, a concorrência entre as grades, o que faz com que os profissionais e os telespectadores combinem seus programas de acordo com seus interesses. E, por fim, o contexto, no qual o pesquisador deve centrar a sua atenção na recepção. Para o autor, há uma “benéfica inflação documental”, já que os programas televisivos estão cercados por textos escritos, por críticas, reações, comentários, cartas de leitores, entrevistas e lembranças de telespectadores, tornando possível ao historiador a “reconstituição do espaço social de recepção” (BOURDON, 2011, p.18-19).

A categoria educação e a permanência dos programas educativos instrucionais

Não seria incorreto afirmar que tanto a *La Cinquième* quanto o Canal Futura conservam em toda sua grade de programação um caráter educativo, afinal ambas emissoras foram criadas com esse objetivo. Porém, buscamos tratar neste primeiro tópico dos programas que se articulam diretamente com o tema da educação e sobretudo, que se distinguem dos programas das categorias de informação e entretenimento. Desse modo, dividimos os programas da categoria *educação* em instrucionais e não-instrucionais. Os programas educativos instrucionais são aqueles dedicados à veiculação de cursos, telecursos, aperfeiçoamentos, conteúdos que são veiculados de uma forma sistematizada, com uma sequência didática e com vistas a um aprendizado específico, seja escolar, acadêmico, formal ou informal. Já os programas educativos não-instrucionais apesar de estarem ligados à educação e, em sua maioria, possuir uma relação direta com temas desenvolvidos em sala de

aula, funcionam muito mais como conteúdos complementares na ampliação dos horizontes de professores e alunos.

Ao longo de toda sua trajetória a *La Cinquième* reservou uma faixa de horário dedicada aos estudantes de ensino médio e fundamental, denominada de *Les écrans du savoir*, (“Telas do Saber”, numa tradução livre), que aglutinava diversos programas coproduzidos pela emissora e pelo *Centre National de Documentation Pédagogique* (CNDP) além de outras produções. Seus programas de curta duração, em sua maioria com 13 minutos, ocupavam um lugar cativo na grade de programação da *La Cinquième*, sobretudo durante a parte manhã, mas, também, em alguns momentos, veiculado no período da tarde. A faixa de horário englobava majoritariamente programas educativos não-instrucionais, porém também havia espaço para os programas educativos instrucionais, como era o caso dos programas de ensino de línguas estrangeiras.

Os programas educativos não-instrucionais do *Les écrans du savoir* possuíam uma ampla variedade temática que buscavam estar em consonância com os conteúdos do currículo escolar. Entre os inúmeros programas veiculados na faixa de horário quatro se destacam por suas especificidades temáticas e pelo período prolongado de exibição são eles *Cogito*, dedicado à Filosofia, *Galilée*, *L'œuf de Colomb*, apresentando a história da ciência, da tecnologia e o mundo das descobertas e *Net plus ultra*, revista semanal sobre as novidades do cyberspaço. Nathalie Darrigrand, responsável pela faixa de horário matutina, em entrevista à revista *Médiasphère* comenta sobre o sucesso do projeto: “Em termos de imagem, ganhamos nossa aposta [...] *Les écrans du savoir* foram muito bem acolhidos pelos professores, que não hesitam em utilizá-lo, às vezes até mesmo ao vivo, em suas aulas”. Darrigrand ainda comenta sobre o formato escolhido:

*Nós percebemos que 13 minutos é um bom formato para a televisão. Ele é particularmente adaptável ao formato do *Les écrans du savoir* que consiste em levar ao ar os temas que a televisão não aborda ou tem pouco costume, como a filosofia, a ciência, a literatura, a história dos objetos ou ainda a educação sexual [...] Evidentemente, que se tivéssemos um pouco mais de dinheiro poderíamos fazer coisas ainda mais “sexy” [...] fazer um esforço de imaginação para despertar a curiosidade dos telespectadores. Despertar o interesse é o verdadeiro objetivo do *Les écrans du savoir*.*

Diferentemente da *La Cinquième*, no Canal Futura o destaque da categoria era para os programas educativos instrucionais. Característica reforçada pelo amplo aproveitamento do já

existente *Telecurso 2000*. Mas para além do *Telecurso*, o Canal Futura também produziu o programa *Via TV*. Voltado ao ensino de História, Geografia e Literatura para os alunos do ensino médio, a atração exibida diariamente, contava com a apresentação da atriz Silvia Buarque de Holanda, direção e roteiro de David França Mendes e produção executiva de Marcello Dantas.² De acordo com a superintendente do Canal Futura, Margarida Ramos, a proposta do *Via TV* era a de “ensinar temas ligados às matérias básicas do currículo das escolas”; pautando assuntos como “desenvolvimento econômico, pobreza, Mercosul e modernização da agricultura”.³ Para cumprir essa missão, o *Via TV* contava “com o auxílio luxuoso de novelas antigas”, “minisséries” e programas jornalísticos da Rede Globo em sua montagem.⁴

Como parte da grade inaugural do Canal Futura, o *Via TV* foi destaque na imprensa antes mesmo do início de sua exibição. Em matéria do jornal *O Globo*, a jornalista Patrícia Kogut afirmou que o programa pretendia ensinar de “uma forma divertida”, o que seria assegurado pela intenção do diretor, que não queria uma atração “sisuda”. Ainda de acordo com a jornalista: “para garantir sua leveza”, o programa teria “um visual cheio de interferências de desenho animado e efeitos gráficos”.⁵

Mas apesar de se pretender um programa que “ensina de forma divertida” e que não fosse “sisudo”, a condução de Silvia Buarque, tratando os assuntos com seriedade, não parecia ceder muitos espaços ao entretenimento, o que não quer dizer que o programa não cumpria seu objetivo, nas palavras da própria apresentadora:

*Acho importante que exista esse canal como um complemento para a educação. Realmente os programas têm qualidade e não são chatos. E a linguagem é simples. Acho que o 'Via TV' pode ser útil para um vestibulando. A informação está toda lá, resumidinha num texto sem qualquer floreio.*⁶

Como se pode observar há uma diferença entre “ensinar de forma divertida”, como destacava *O Globo* e um “texto sem qualquer floreio”, como afirmou a atriz. Responsável pela concepção e formato do programa, ao lado de Mônica Dias Pinto, Jacqueline Cantore destaca o desempenho de Silvia Buarque nos estúdios, ao comentar sobre o programa: “A Silvia me impressionou. Ela tem a preocupação de passar a informação precisa. Durante as

² *O Globo*, “Apostando juntos no Futura da NET”, 20 de setembro de 1997.

³ *Revista da Indústria*, “O caminho do conhecimento”, 08 de setembro de 1997.

⁴ *O Globo*, “Apostando juntos no Futura da NET”, 20 de setembro de 1997.

⁵ *O Globo*, “Antigos arquivos servem à TV Futura”, 31 de agosto de 1997.

⁶ *O Globo*, “Apostando juntos no Futura da NET”, 20 de setembro de 1997.

gravações a gente sente o seu excelente preparo”.⁷ Em novembro de 1998, o *Via TV* era exibido diariamente em três horários: às 13h00, às 19h45 e à 0h40, num total de 55 minutos, ocupando diariamente 3,8% da grade de programação. Aos finais de semana o programa era retransmitido em outros dois horários: no sábado à 01h00 e no domingo 1h35.⁸

Ao compararmos as grades de programação da *La Cinquième* e do Canal Futura dedicada à educação é possível traçarmos um quadro interessante de similaridades e diferenças. No âmbito das similaridades é possível perceber que as formas tradicionais do uso da televisão para a educação, ligadas sobretudo ao gênero educativo instrucional, foram muito exploradas pela parte francesa nos cursos de língua estrangeira e no caso da emissora brasileira em seus *Telecursos* e no *Via TV*.

Mas há também diferenças consideráveis, sobretudo no que se refere as ênfases escolhidas, que dialogam muito com a necessidade educacional de cada um dos países. Essas diferenças se acentuam, sobretudo, quando verificamos, por um lado, a total ausência de cursos de língua estrangeira no Canal Futura (à exceção das teleaulas regulares de inglês do *Telecurso*) e de outro, a inexistência de cursos supletivos na *La Cinquième*. Tem-se aqui um exemplo de como a programação das emissoras articulava-se com os problemas específicos de cada um dos países. Na França, a preocupação da inserção da comunidade europeia, fazia com que a *La Cinquième* buscasse fornecer aos seus telespectadores uma gama variada de cursos de língua estrangeira. Preocupação inexistente no Canal Futura, ao menos em termos de programação veiculada. Em outras palavras, a aprendizagem de línguas estrangeiras não seria objeto de preocupação da emissora carioca, que demonstra, por meio de seus programas, estar muito mais preocupada com a divulgação de conteúdos ligados à educação básica e profissional via seus *Telecursos*.

Por outro lado, havia no Canal Futura uma disposição mais clara de falar diretamente aos professores, pais e interessados no tema educação. O que ficou demonstrado com a existência do *Futura na Sala de Aula*, reforçando mais uma vez a preocupação com a situação da educação básica brasileira. Se tal característica já apareceu, ainda que de forma contida, na categoria educação, ao analisarmos a relação entre informação e conhecimento veremos tais características tornarem-se ainda mais demarcadas.

⁷ *O Globo*, “Apostando juntos no Futura da NET”, 20 de setembro de 1997.

⁸ *Revista Futura*, ano I, nº 6 nov./dez. 1998, p.27.

O espaço do telejornalismo na categoria informação

Para além de educar a *La Cinquième* e o Canal Futura também tinha a missão de informar. Por isso, a categoria informação recebeu grande destaque na programação das duas emissoras no decorrer de suas trajetórias. De acordo com Jérôme Bourdon (2011:21) a informação na televisão é elaborada “essencialmente por uma categoria profissional, os jornalistas, que têm a missão de informar sobre a situação do mundo em um ritmo regular (diário, semanal, e mais raramente mensal).

Na *La Cinquième* o principal telejornal era o *Journal de la Santé*. Exibido diariamente, o programa era temático, voltado aos assuntos ligados ao mundo da saúde. Já o Canal Futura investiu em três atrações: o *Jornal Futura*, o *Sala de Notícias* e o *Nota 10*. O que indica que havia um escopo maior nos programas telejornalísticos da emissora brasileira que englobavam “educação, saúde, mercado de trabalho, comportamento e meio-ambiente” (FINGUERUT & SUKMAN, 2008:194).

O *Journal de la santé* estreou na grade da *La Cinquième* no dia 26 de janeiro de 1998. O programa trazia em sua bancada, um velho conhecido da casa, o médico e jornalista Michel Cymes, responsável pelos programas da área de saúde desde a criação da emissora, tais como *Qui vive* e *Attention santé*. Cymes dividia a bancada, com a igualmente médica e jornalista, Marina Carrère d’Encausse. *Le journal de la santé* era transmitido de segunda à sexta-feira, ao vivo, a partir das 13h15, e tinha por objetivo “decifrar os mistérios do corpo e superar nossas lacunas médicas”. A atração foi programada para ser exibida logo após os telejornais das 13h00 da *TF1* e da *France 2*. Segundo o apresentador: “No jornal das 13 horas, o jornalista não tem tempo para fazer um contraponto, se não ele omite o factual. Nosso papel é explicar os termos científicos, traduzir as informações”.⁹

Tal preocupação também estava presente dos jornalísticos do Canal Futura. De acordo com a chefe de redação Vanessa Sá: “A intenção é que os programas tenham linguagem coloquial, sejam didáticos e ofereçam prestação de serviços”. E apesar dos três programas trabalharem com equipes independentes, buscou-se uma identidade: “a de difundir o conhecimento, por meio de uma linguagem moderna, dinâmica e acessível ao público em geral”.¹⁰

⁹ *Le Figaro*, « La santé en direct », Paris, 02 de fevereiro de 1998.

¹⁰ *Jornal da Tarde*, “A notícia a serviço do ensino”, São Paulo, 20 de setembro de 1997.

Dentre eles o carro-chefe era o *Jornal Futura*. Com apresentação da jornalista Helena Lara Resende, ex-repórter da Rede Globo, o programa veiculado de segunda a sexta-feira às 22h30, ao vivo, abordava “os temas de maneira mais detalhada, com matérias longas e elaboradas, procurando tratar os assuntos de forma mais reflexiva (FINGUERUT & SUKMAN, 2008:194). Antes mesmo de sua inauguração da estreia do programa os envolvidos manifestavam seu otimismo frente à proposta, o diretor Flávio Rocha, por exemplo, exemplificava como seria a forma de abordagem das notícias pelo telejornal: “Se já estivéssemos no ar, a notícia sobre a morte da Lady Di, por exemplo, teria sido comentada com informações sobre a monarquia parlamentarista e a posição geográfica do País de Gales”. Já a apresentadora Helena Lara Resende ressaltava que por ser amplo o *Jornal Futura* iria “interessar, não só aos estudantes e professores, como ao público em geral”.¹¹

E foi com essa perspectiva expandida de educação que o telejornal tratou de múltiplos temas – do político ao social. Em setembro de 1998, por exemplo, às vésperas da eleição presidencial, o telejornal abriu um espaço diário de 15 minutos para cada um dos candidatos comentarem seus projetos para a área de educação.¹² No dia 29, terça-feira, a entrevista foi com o candidato Luís Inácio Lula da Silva e, no dia seguinte, encerrando a série o então presidente e postulante à reeleição, Fernando Henrique Cardoso.¹³ Em novembro de 1999, o *Jornal Futura* produziu três edições especiais para tratar da crise da FEBEM, as edições foram levadas ao ar entre os dias 09 e 11.¹⁴

O *Jornal Futura* manteve seu formato ao longo de toda a trajetória inicial da emissora, incluindo o comando dos programas nas mãos de Helena Lara Resende, o que pode ser exemplificado pela edição do dia 18 de outubro de 2002. Ao longo dessa edição foram veiculadas quatro reportagens: a primeira, realizada por Regina Santos, sobre a questão do emprego; Na sequência foi a vez da repórter Adriana Lévis tratar dos direitos do consumidor; a terceira reportagem, produzida por José Luis Filho, tratava sobre deficientes visuais praticantes de esporte; e por fim a reportagem de Simone Giacometti, com imagens da TV Paranaense, sobre um projeto de educação no estado do Paraná. A edição ainda contou com a presença do economista Andre Urani que teceu comentários sobre a primeira reportagem diretamente da bancada do jornal. Colaboraram nesta edição: Ligia Mostaza (SP) e Patrícia

¹¹ *O Dia*, “Dinâmica e interessante”, Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1999.

¹² *Jornal do Brasil*, “Mais educação”, Rio de Janeiro, 03 de setembro de 1998.

¹³ *Jornal do Brasil*, Lance-Livre, Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1998.

¹⁴ *O Globo*, “Futura retrata a crise na Febem”, Rio de Janeiro, 07 de novembro de 1999.

Costa (RJ), chefes de reportagem; Patrícia Cabral na edição; Bia Falbo como editora-chefe e Cristiane Ballerini na direção de jornalismo.¹⁵

O segundo jornalístico do Canal Futura era o *Sala de notícias*. O programa discutia e aprofundava “reportagens de destaque na mídia a partir do acervo da Globo e da CNN”. Com apresentação de Lilian Fernandes, o programa contava com “entrevistas, matérias e reflexões sobre os temas”. Um dos objetivos do *Sala de Notícias* era o de traduzir e contextualizar “as notícias que têm impacto na vida do grande público” (FINGUERUT & SUKMAN, 2008:207).

A terceira atração jornalística prevista para a estreia do Canal Futura era o *Nota 10*. Com duração de aproximadamente 13 minutos, o programa tinha como público-alvo educadores em geral e pais. Em sua primeira temporada era veiculado de segunda a sexta em dois horários às 07h15 e às 17h30 e, aos sábados, às 15h30. Entre os objetivos do programa estava o de “apresentar experiências educacionais bem-sucedidas de várias partes do país tanto para os pais aplicarem em casa como para educadores desenvolverem na escola”.¹⁶ “Cada programa apresenta um tema como fio condutor, explorando sob diversos pontos de vista”, ao todo foram 601 episódios levados ao ar (FINGUERUT & SUKMAN, 2008:198).

O programa era apresentado, inicialmente, pela atriz Letícia Sabatella. A diretora de novos projetos do Futura, Jacqueline Cantore comenta sobre o desempenho da atriz: “A minha grande preocupação é a credibilidade. A Letícia Sabatella é mãe e esse foi um dos motivos pelo qual foi escolhida para apresentar o *Nota 10*. A gente assiste ao programa e vê que ela sabe do que está falando”. A atriz também comentou sobre a possibilidade de gravar o programa: “A maternidade me ajuda. Não reproduzo simplesmente um texto. Vejo as reportagens de maneira crítica, estou sempre analisando, julgando. Algumas delas são realmente emocionantes, me envolvo”.¹⁷ O *Nota 10* abordava assuntos ligados às experiências educacionais de sucesso. Em 1998, por exemplo, o programa veiculou uma série sobre o uso dos computadores em sala de aula.¹⁸ Após a saída de Sabatella, assumiu a condução do programa a atriz Maria Ribeiro.

¹⁵ Programa visionado pelo autor da sede do Canal Futura.

¹⁶ *Revista Futura*, nov./dez de 1997, n.01, p.30.

¹⁷ *O Globo*, « *Apostando juntos no Futura da Net* », Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1997.

¹⁸ *O Globo*, « Série de TV mostra o papel do micro em sala de aula », Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1998.

Usos da ficção na categoria entretenimento

Com o desenvolvimento e a popularização do meio televisivo, o entretenimento ganhou destaque e autonomia frente às demais categorias. Os gêneros que dela derivam estabelecem uma relação direta dos produtores com os apresentadores, ainda que, em muitos casos, exista uma *mise-en-scène* com o objetivo de estabelecer uma interação entre os apresentadores e as pessoas reais e personalidades que frequentam o programa (BOURDON, 2011:21). Uma das principais características da *La Cinquième* e do Canal Futura durante a década de 1990 foi investir em aspectos ligados ao entretenimento como forma de incrementar a sua programação. O destaque dado ao entretenimento era uma constante nas declarações dos dirigentes das emissoras. A análise da grade de programação indicou que as emissoras fizeram um amplo uso dos elementos ligados ao entretenimento em seus programas, entre eles a ficção.

Como foi dito anteriormente, Jérôme Bourdon compreende a ficção com um dos grandes gêneros da televisão. Ele faz uso dessa categoria para pensar a programação televisiva internacional na perspectiva comparada. Para o autor, a ficção consiste em programas que contam uma história, a partir de um roteiro adaptado por um diretor para à TV com a utilização de atores, incluindo o cinema (BOURDON, 2011:21).

O uso da *teledramaturgia* constituiu-se como uma marca na produção de programas do Canal Futura. Enquanto na *La Cinquième* observa-se o predomínio dos magazines de informação e documentários, no Canal Futura, o elemento da teledramaturgia atravessou fortemente toda a programação. Mesmo onde não havia a utilização de trechos de minisséries ou telenovelas, se apostou na criação de diálogos, na encenação e na dramatização dos elementos de ensino.

A Rede Globo se desenvolveu e se consolidou alicerçada na produção própria de seus programas, especializando-se nas telenovelas que marcaram época e são reconhecidas em todo o mundo – devido a sua política de exportação. Nos anos 1990, assistiu-se nas telenovelas “a presença de verdadeiras campanhas de caráter social” que “revelaram uma outra face da estreita ligação da produção ficcional da emissora com a realidade brasileira”. O chamado *marketing social*, como ficou conhecido consistia basicamente “na inserção na diegese de determinadas questões centradas em alguns personagens, com uma função que, mais do que pedagógica, pode ser caracterizada como de ajuda humanitária ou de utilidade

pública” (KORNIS, 2007:112-113). Explorar a função educativa da produção global em teledramaturgia possui um elemento fortemente simbólico. Ainda mais considerando as vozes críticas que apresentavam as telenovelas como um produto alienante, apresentar tais conteúdos como educativos era uma resposta criativa da emissora de Roberto Marinho, e seria uma forma de demonstrar que a Rede Globo sempre cumpriu seu papel educativo constitucional, como concessionária televisiva, tanto é que suas produções eram matérias primas para seu canal educativo. Em termos econômicos, a utilização desse conteúdo trazia vantagens ao Canal Futura, tendo em vista que a parceria das emissoras permitia o intercâmbio e uso das produções da Rede Globo, o que reduzia o custo de produção.

Apenas 8% da grade de programação da *La Cinquième* era dedicada à ficção. Ainda assim, o gênero mantinha uma boa aceitação do público, chegando a representar 16% do tempo médio de escuta. A boa recepção dos programas de ficção faz parte de uma tendência do campo televisivo francês, já que o gênero trazia bons frutos para as outras emissoras. Ainda assim, a *La Cinquième* não investiu fortemente durante seu primeiro ano. A emissora de Jean-Marie Cavada investiu apenas 25 milhões de francos, para produzir 55 horas, quantia baixa se comparada aos 47,4 milhões do ARTE, para apenas 19 horas, e irrisória ao lado dos números da TF1, que no mesmo período investiu mais de 600 milhões de francos na produção de 255 horas.¹⁹

Entre as séries veiculadas pela *La Cinquième* estavam: *Les enfants de John*, *Rintintin*, *Alf* e *Flypper*. Esses quatro títulos sintetizam muito bem o espaço e os usos da ficção na *La Cinquième*. Dentre as citadas, *Les enfants de John* era a única ficção inédita da emissora. A série era voltada para o público jovem e abordava os dilemas da juventude, como o amor, o sexo e a escolha profissional. As outras três séries, *Rintintin*, *Alf* e *Flypper*, apresentavam dois denominadores comuns: eram produções que já haviam sido veiculadas pela televisão francesa em outros períodos e tratavam-se de produções estrangeiras. Estas séries parecem cumprir um papel claro na grade de programação da *La Cinquième*, o de completar a programação a um baixo custo, já que comprar os direitos de transmissão de programas antigos tinha um custo muito menor do que a produção própria.

No caso do Canal Futura, não havia séries, mas minisséries. E um dos espaços para esse tipo de programação era o *Faixa Comentada*, apresentado pelo ator Eduardo Martini, que

¹⁹ INA, “La Cinquième”, Service des Etudes, Juillet 1996.

participou do programa *Radical Chic*, em 1993, ao lado de Andréa Beltrão e Maria Paula.²⁰ O objetivo do programa era transformar “minisséries de sucesso do acervo da TV Globo” em “verdadeiras aulas de Literatura e História” (FINGUERUT & SUKMAN, 2008:188). E a primeira minissérie veiculada para uso educativo foi *Memorial de Maria Moura*.²¹ Adaptação, de Jorge Furtado e Carlos Gerbase, da obra homônima de Rachel de Queiroz, a produção foi veiculada, originalmente, na Rede Globo, em 1994 (CASTRO, 2015:163). De acordo com Mônica Kornis (2007:110):

A ampliação da temática voltada para a história recente brasileira em minisséries e a introdução de novos atores sociais em novas formas de narrativa tanto nesse formato como em seriados, além da inserção do chamado marketing social nas novelas, foram marcas importantes nesse período, em sintonia com o discurso sobre a ética, a cidadania e a inclusão social que passou a conquistar terreno na discussão política nacional ao longo da década de 1990.

Ao longo da trajetória do programa outras minisséries foram adaptadas, entre os títulos estavam: “*O tempo e o vento, Agosto, O primo Basílio e Anos rebeldes*” (FINGUERUT & SUKMAN, 2008:188).

Nota-se como as duas emissoras se serviram de programas anteriormente veiculados, porém à diferença da *La Cinquième* o Canal Futura buscou dar um novo tratamento a todos eles, com uma nova edição, abertura e novos apresentadores que direcionavam seus comentários para os objetivos culturais e educativos da nova atração.

Considerações Finais

No âmbito da programação, o cruzamento do audiovisual educativo francês e brasileiro revelou aspectos importantes no modo em que cada uma das emissoras buscou trabalhar seus conteúdos. *La Cinquième* e o Canal Futura apesar da ênfase no conhecimento buscaram articular tal especificidade às três categorias clássicas da televisão – educação, informação e entretenimento. As duas emissoras buscaram apresentar agentes de posição privilegiada no campo televisivo, por exemplo, artistas e jornalistas ligados aos programas de entretenimento e informação, para legitimar as suas ações. No caso da *La Cinquième*, não foram poucos os agentes com trânsito nas emissoras comerciais. E no Canal Futura, havia

²⁰ *O Globo*, “Apostando juntos no Futura da Net”, Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1997.

²¹ *Gazeta do Povo*, « O cinema da Futura », Curitiba, 25 de outubro de 1997.

uma ligação estreita com a Rede Globo, que passava não só pelo aproveitamento de seu *casting*, como de parte de seus programas.

A análise dos aspectos gerais da grade de programação da *La Cinquième* e do Canal Futura revelou alguns eixos comuns, próprios do meio televisivo, e que não sofrem grandes influências devido às naturezas distintas das emissoras. Entre tais aspectos, destacamos: a produção de programas inéditos (em relação direta com produtores independentes); o uso de programas antigos; as reprises e multidifusões; o tamanho dos programas (13', 26', 52'); os intervalos, chamados de interprogramas; a preocupação central das duas emissoras em criar uma programação centrada no eixo educação/conhecimento, mas de uma forma que não fosse entediante.

Percebemos nas duas experiências uma tentativa de descolamento de uma concepção tradicional de TV educativa, que se ligaria a uma dimensão instrucional, de cursos e teleaulas. E, ainda que as duas emissoras tenham investido nesse tipo de programação notamos um esforço no restante da grade em buscar formas de veiculação dos conteúdos distintas dessa estética educativa tradicional.

A mescla de gêneros televisivos foi um outro elemento presente nas trajetórias da *La Cinquième* e do Canal Futura. Pautados por objetivos educativos, as emissoras lançariam mão dos mais diversos gêneros como ficou demonstrado. Outra característica seria um apuro/cuidado maior com o tratamento da informação. Ou seja, uma preocupação em aprofundar determinadas questões, diferentemente do que ocorre nas emissoras generalistas. Havia ainda os interprogramas que indicavam uma distinção ainda maior, pois a programação continuava mesmo durante os intervalos.

Mas não havia apenas semelhanças. A principal distinção entre o Canal Futura e a *La Cinquième*, no âmbito da programação, ocorre pelo grande destaque que os programas produzidos e veiculados pela Rede Globo recebem. Nesse sentido, destacam-se os elementos produzidos pela Central Globo de Jornalismo e pelo Núcleo de teledramaturgia. O aproveitamento do material audiovisual é notado ao longo de toda a sua programação. Programas como *Globo Ciência*, *Globo Ecologia*, *Jornal Nacional* e *Globo Repórter*, além das telenovelas e minisséries, eram aproveitados como forma de ilustração de determinado assunto, ou mesmo como pontos centrais de programas. Há casos em que os programas do Futura constituem-se como uma espécie de reedição daqueles produzidos pela Rede Globo.

Referências Bibliográficas

BOURDON, Jérôme. **Du service public à la télé-réalité**. Une histoire culturelle des télévisions européennes, 1950-2010. Paris: INA Éd. coll. Médias Histoire, 2011.

CASTRO, Cosette. “Globo e educação: um casamento que de certo”. In: BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, Cpesar Ricardo Siqueira (orgs.) **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005.

CHAMPION, Rémy de ; DANARD, Benoît. **Les programmes audiovisuels**. Paris : Rapères ; La Découverte, 2014.

FINGUERUT, Silvia; Sukman, Hugo (org.). **Fundação Roberto Marinho 30 anos**. Rio de Janeiro: Goal, 2008.

KORNIS, Mônica Almeida. **Cinema, televisão e história**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.